

A literatura entre a sala de aula e a biblioteca escolar - entrevista

Literature between the classroom and the school library - interview

Alex Sander Luiz Campos¹

Daiane Silva de Andrade²

Sabrina da Silva de Oliveira³

Entrevistadas e entrevistado por Josué Borges de Araújo Godinho⁴

Esta é uma entrevista que se volta para profissionais da leitura, seja na sala de aula, seja na biblioteca escolar, mas, precisamente, na confluência entre ambas. Para tanto, conversei com três profissionais vinculados ao Instituto Federal do Norte de Minas, Campus de Salinas, são eles, a bibliotecária Sabrina da Silva Oliveira, a professora de Língua portuguesa e literatura, Daiane Silva de Andrade, e o também professor de língua portuguesa e literatura, Alex Sander Luiz Campos.

Todos os projetos aqui elencados estão vinculados ou contam com o apoio da Biblioteca Iracy Heringer Lisboa⁵, no campus de Salinas, aqui representada pela Sabrina da Silva Oliveira. Dentre as principais atividades, podemos ressaltar as seguintes, coordenadas pela bibliotecária:

¹ Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Norte de Minas, Campus Salinas. E-mail: alex.campos@ifnmg.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7267778457978716>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8751-1724>

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Norte de Minas, Campus Salinas. E-mail: daiane.andrade@ifnmg.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5626541278117306>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7954-0138>

³ Bibliotecária no Instituto Federal do Norte de Minas, Campus Salinas. E-mail: sabrina.oliveira@ifnmg.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9440355371349263>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2396-502X>.

⁴ Professor de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Carangola. E-mail: josebagodinho@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9097280370535558>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-6759>.

⁵ Redes sociais: Instagram: biblio_ihl Canal no YouTube: Biblioteca Iracy Heringer Lisboa Para saber um pouco da história dessa biblioteca: <https://youtu.be/Wd-e7DUZczw>

1. **Conexão Biblio:** projeto já finalizado, foi importante durante o período de interrupção das atividades letivas. Promoveu várias séries, diversas, de lives. Uma delas foi sobre a história do livro, e contou com a participação de Sabrina e o prof. Alex Sander.
2. **A hora do conto:** esse projeto ocorreu durante o auge da pandemia de covid-19 e retornará este ano. Consiste em um encontro em que cada um dos participantes reconta, a seu modo, algum conto da literatura (incluindo a tradição oral), sempre dentro de algum tema, que pode ir desde Natal a Folclore, Extraterrestres ou Terror. O foco é a contação de histórias, a socialização de experiências de leitura.
3. **Grandes mulheres do IF:** esse projeto propõe um vínculo com o teatro. Professoras, servidoras técnico-administrativas e estudantes são convidadas a se caracterizarem como escritoras. No dia e horário marcados, cada uma delas se apresenta para os alunos e demais comunidade da biblioteca, pessoas que evidentemente sabem que se trata de uma representação. Apesar disso, a magia do teatro toma conta, e, ao final da fala da “escritora”, realidade e representação se confundem. Quase sempre alguém se emociona. Já foram homenageadas escritoras como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Adélia Prado, Carolina Maria de Jesus e Daniela Arbex.

Além dos projetos coordenados pela professora Daiane Silva de Andrade e o professor Alex Sander Luiz Campos, ambos com o apoio da Biblioteca:

1. **Clube de Leitura IFNMG/Salinas:** O Clube (página no Instagram: @clubedeleitura.ifnmgsalinas) organiza mensalmente um encontro sobre uma obra literária diversa. Há essa preocupação na escolha, e os participantes também participam desse momento de seleção. Já foram trabalhadas obras tão distintas quanto o Alcorão, os romances *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, e a coletânea poética *Um punho é do tamanho de um útero*, de Angélica Freitas, entre várias, várias outras. Os encontros são abertos a qualquer pessoa interessada e estão sendo realizados em formato virtual (inicialmente em razão da pandemia

de covid-19, mas atualmente pelo benefício de poder reunir participantes de qualquer lugar do mundo).

2. Contin(gente) poético: Consiste na realização de um sarau com a participação de todas as turmas do Ensino Médio. Cada turma é orientada por um professor e, a princípio, é responsável pela realização de uma única apresentação, de no máximo 15 min. Primeiramente, há a definição de que tipo de apresentação será feita: peça de teatro? música? curta-metragem? O importante é que haja a combinação da arte literária com pelo menos mais uma arte: a dança? a encenação? o canto? as artes plásticas? Nem todos os alunos precisam, necessariamente, estar no palco: as funções são divididas de acordo com o interesse e a afinidade de cada um. No dia da culminância, é realizado, também, um escambo de livros. Os participantes levam uma ou mais obras que queiram doar e recebem, após avaliação de uma equipe, um valor em pontos; esses pontos depois serão trocados por obras doadas por outros participantes. Nessa etapa, a parceria com a biblioteca é de extrema importância, pois são estudadas com os alunos questões como ficha catalográfica, elementos de bibliologia, de sistematização de acervo etc. Essas atividades, tanto o sarau quanto o escambo, têm por finalidade maior favorecer o diálogo, a troca de ideias, a convivência cultural e literária.

Feita esta exposição, passo às perguntas, que serão (quase) sempre direcionadas simultaneamente às três pessoas envolvidas nos projetos. A entrevista foi integralmente feita de forma escrita/virtual, seja por e-mail, seja via WhatsApp, embora, em algumas ocasiões, tenha conversado com o professor Alex Sander, que também foi o mediador entre a professora Daiane Silva de Andrade e a bibliotecária Sabrina da Silva de Oliveira.

Josué Godinho: Assim sendo, gostaria que cada uma/um de vocês falasse dos caminhos que as/os levaram a trabalhar com a literatura, isto é: como se deu o seu contato com a literatura e a leitura e por que resolveu fazer de sua relação com ela uma profissão ou parte de sua profissão?

Sabrina Oliveira: Bem, eu sempre gostei de ler. Há relatos de minha mãe de eu estar no ônibus e ela ter que me mandar calar a boca pois eu não parava de ler as placas e propagandas na estrada, enquanto o ônibus viajava. Frente a isto sempre fui uma criança muito questionadora. Me lembro com dez anos de idade de estar procurando um livro de poesia para ler, e pegar um de

Cecília Meireles e ela estava estampada na capa, linda e branca. Neste dia, me lembro de revirar a estante procurando algum autor negro. Eu queria encontrar uma capa de livro com um autor negro. No entanto, não achei. Após este fato, passei anos me perguntando se pessoas negras não escreviam. Eu não era uma menina negra, mas cresci em um bairro periférico, onde a grande maioria dos meus colegas de classe eram negros. Só com 25 anos, ao chegar à universidade eu descobri que já havia lido personalidades negras. Pois, eu descobri que Machado de Assis era negro. Bem, nesta perspectiva eu comecei a questionar sobre os clássicos e afirmar que não gostava de clássicos. Pois, eles não representavam a realidade do povo. Pois não havia clássicos com personagens negros, e nem clássicos escritos por negros. E quando me entendi bissexual, percebi que não havia clássicos escritos por pessoas LGBTQIAP+. Frente a isso, as mulheres que publicavam também eram pouquíssimas frente às publicações de autoria masculina. Quando eu escolhi ser bibliotecária, eu assumi a responsabilidade de fazer uma biblioteca diferente, que não pudesse ter apenas os ditos clássicos, mas que pudesse ter diversidade. Frente a isso e durante o curso de biblioteconomia, eu fui descobrindo que as bibliotecas no Brasil, em sua grande maioria, estavam em um viés conservador, com uma política de silêncio e austeridade. Com regras e diversas vezes não representativas e acolhedoras. Quando passei no concurso para o IFNMG e comecei a atuar na Biblioteca Iraci Heringer Lisboa, no *campus* Salinas, eu senti em mim a necessidade de propiciar espaços de discussão que pudessem ser no mínimo mais abrangentes. Que fossem acolhedores. Claro que em um ambiente universitário, a biblioteca precisa ter o caráter que propicie um ambiente de estudos. Mas eu acredito que as bibliotecas dos Institutos Federais podem ser “Universitárias, Escolares, Públicas e Culturais”. No entanto, o mundo não é feito só de crenças e vencer as estruturas políticas e sociais já estabelecidas, requer tempo e aliados.

Alex Sander: Sou filho de professora, tive o privilégio de nascer numa casa onde nunca faltou a oportunidade da leitura. Não me lembro dos familiares nem dos professores me obrigando a ler. Lembro-me de ver pessoas lendo, então pude sentir naturalmente que aquilo era bom. Confesso que também me alegro por não ser um “nativo digital”, embora hoje lide (assim espero!) minimamente bem com os aparelhos e aplicativos necessários ao desempenho de meu trabalho como professor. O principal meio de acesso ao conhecimento na minha infância

foram os livros físicos. Nada contra os ebooks, que tanto têm ajudado, mas naquele momento da vida apenas os livros físicos, penso (posso estar enganado), poderiam me dar a tranquilidade e o aconchego necessários. Não dependiam da luz elétrica, não dependiam de login, não “travavam”, estavam isentos de notificações, os títulos já tinham passado pelo crivo de especialistas. Sou entusiasta da importância da biblioteca e do bibliotecário, da bibliotecária, no espaço escolar. Fiz a educação básica toda numa ótima escola pública, dotada de uma biblioteca admirável. Lembro-me até hoje do cheiro dos livros novos, dos universos escondidos naquelas páginas, do ambiente convidativo. O encanto pelo ambiente escolar e, de modo especial, pela biblioteca, fizeram com que, ao final do Ensino Médio, eu me perguntasse: que profissão me garantirá o “direito”, ou a “necessidade”, de continuar aqui? Logo veio a ideia de fazer Letras e me tornar professor.

Daiane de Andrade: Sou, *a priori*, uma leitora. Meu universo é mesmo o das palavras, sejam elas escritas ou não. Sempre gostei de observar as pessoas, embrenhar-me pelas narrativas de vida que ouvia e fantasiar outras realidades. Hoje tento inspirar as pessoas em relação ao poder da leitura, principalmente porque não nasci numa família leitora. Nunca existiram livros, revistas, jornais na minha casa. Os incentivos em relação à leitura vieram de uma vizinha e da escola. Quando comecei a ler e descobri que poderia levar os livros da biblioteca para minha casa, um mundo de possibilidades abriu-se para mim. Era como se de repente eu pudesse encontrar-me em meio a tantos cenários, personagens e enredos. Os livros me trouxeram uma sensação de pertencimento que eu ainda não tinha experimentado. Na falta de referências familiares em relação à imagem de um leitor, forjei em mim essa figura. A leitura tornou-se o lugar do “eu”, espaço e tempo de introspecção e possibilidade de criar hábitos diferentes do meu contexto familiar. No ensino médio, cresceu a sensação de que eu precisava lidar com a palavra. Os colegas não se interessavam pelas aulas de Literatura, mas eu conversaria por horas sobre as obras lidas e enxergava a possibilidade de reflexão a partir daqueles livros infinita. A escolha pelo curso de Letras e depois a ânsia por ter contato com a docência foi natural. Apesar das intempéries suscitadas pelo trabalho em sala de aula, é bom ver que o deslumbramento continua.

Josué Godinho: O Antonio Candido defende em um texto “O direito à literatura”. Para vocês,

em que consistiria este direito?

Sabrina Oliveira: Bem, responder a esta questão em um país que recentemente tentou-se realizar a taxaço de livros com o argumento de que apenas as classes mais ricas liam é no mínimo difícil. Mas vou tentar no campo imaginativo das coisas. Imaginemos que existam diversos mundos, um que sou eu, Sabrina e os outros mundos são os seres humanos que existem por aí. Quando eu Sabrina penso e existo estou fazendo o meu mundo produzir. E quando o outro humano o faz, acontece o mesmo. No entanto eu não consigo acessar o que o outro produziu sem que ele me fale, me conte sobre os seus processos, é necessário compartilhar a colheita, juntar sementes, para que possamos produzir novos frutos. Ler literatura é isso. É compartilhar do mundo do outro e dos mundos que já se foram. Conhecer o período que os mundos vivenciaram. Sem conhecer outros mundos não acredito que haja humanização. Sob minhas perspectivas, só existe humanização na interação. E a literatura é a forma mais pluralista que isso pode ocorrer. É através da literatura que eu me enxergo no mundo e me torno sujeito. É no confabular das coisas que eu sou. É preciso nesta perspectiva entender que é direito não apenas ler literatura, mas é direito também se reconhecer na literatura. E para isso é preciso pensar em diversidade literária, a literatura precisa ser inclusiva.

Alex Sander: Vejo o direito à literatura como parte de um direito maior, o direito à arte, à beleza, à sensibilidade. Como diz a canção “Comida”, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, “A gente não quer só comida / A gente quer comida, diversão e arte”. Penso que a pandemia de covid-19 nos “relembrou” isso, essa necessidade – nos anos de 2020 e 2021, por exemplo, como foram importantes as lives musicais! A literatura é um tipo muito especial de arte: usa como matéria-prima a palavra; no caso da literatura brasileira, essa palavra é geralmente, mas não exclusivamente, é certo, da língua portuguesa, mas a língua (e, ao mesmo tempo, tantas!) falada num grande território. A um só tempo há certa unificação, ou uma tentativa de, mas a literatura usa a palavra de uma forma que a desestabiliza, com isso nos desestabilizando também. Nos surpreende, nos tira do automatismo, nos faz pensar. Nos mostra que outra realidade é possível, outro modo de pensar. Nos tira da zona de conforto em alguns momentos, nos conforta noutros. Não é de maneira alguma uma “frescura”. O direito à

literatura significa dar às pessoas o direito de expandir as possibilidades de sua atuação no mundo, assim como o direito de ver quem não estão sozinhas no mundo: tantas outras pessoas já compartilharam de suas dores, de suas dificuldades, de seus pensamentos e angústias.

Daiane de Andrade: Nossa vida sempre traz limitações. Mesmo as almas mais aventureiras às vezes veem condicionadas a questões ligadas ao lugar onde vivem, dilemas familiares ou limitações financeiras. Precisamos lidar com questões mesquinhas e burocráticas diariamente e, por vezes, a parcela de sonho e fantasia a qual temos direito torna-se restrita. Nesse cenário, a literatura se converte em ferramenta ampla para o crescimento pessoal. Ela nos permite conhecer a complexidade das relações humanas por meio da trajetória de tantos personagens. Por meio dela, adentramos lugares distantes geograficamente de nossa visão e também locais secretos de nossa alma. O direito à literatura nos permite compreender o que nos constitui como humanos.

Josué Godinho: Ele é um direito inalienável? Por quê?

Sabrina Oliveira: Ora de nada adiantaria que os mundos produzissem se ninguém pudesse colher e comer os frutos. Sobre outra perspectiva, em uma sociedade capitalista em que tudo se torna um bem, uma propriedade. Permitir que se classifique a leitura literária como um direito alienável é permitir que apenas parte da população tenha este acesso. Pois além de ser caro, o livro é também de difícil acesso e não representativo. Faltam bibliotecas públicas equipadas e com profissionais preparados.

Alex Sander: É sim, pois diz respeito à vida, à possibilidade da existência. Seria horrível tirar de alguém o direito à experiência literária. Peço licença para sugerir um texto que já escrevia sobre esse respeito; não trago nele nada de original, mas faço uma revisão do que disseram nomes caros a nossa área. Chama-se “Tzvetan Todorov, Antoine Compagnon e o elogio da literatura”, e está disponível *online* na revista *Linguagem*, da UFSCar.

Daiane de Andrade: Trata-se de um direito inalienável principalmente pelo fato da literatura garantir às pessoas um tipo de posse muito especial. Cada pessoa se apropria do texto literário

de uma maneira particular e única. As relações que estabelecemos entre os textos, as reflexões surgidas a partir deles e mesmo a sensação de deleite na leitura por fruição são processos muito particulares e intransferíveis.

Josué Godinho: Para a Daiane e o Alex, qual a importância da leitura literária na sala de aula? Igual a importância da biblioteca escolar?

Alex Sander: Penso que, se é linguagem, se é língua, se é produção humana, merece espaço na sala de aula. Sem preconceitos. Ponto. Agora: nessa diversidade, deve ser garantido, como direito do estudante, o espaço da leitura literária. A literatura é muito mais rápida do que as gramáticas normativas e os dicionários: não pesquisei isso, falo a partir de observações minhas, assistemáticas, mas noto que muitos fatos da oralidade, muitas necessidades de expressão, são primeiro testadas e apresentadas na literatura (se vão “pegar” ou ficar apenas no papel é outra história). Primeiro temos os escritores, que aprofundam, testam, registram novas palavras (algumas já usadas pelo povo) etc. Depois vem um desejo de consolidação das regras, que serão ratificadas ou retificadas pela literatura, num movimento de tradição e ruptura que nos tem legado um patrimônio cada vez maior. Toda leitura, penso, se beneficia da leitura literária. É a leitura literária que nos faz pensar além do “o que é dito”, para poder pensar no “como é dito”, “em quem é dito” etc.

Daiane de Andrade: Há dois aspectos que me fazem entender a importância da leitura do texto literário em sala de aula. O primeiro dialoga com a leitora que fui na infância: diante de um país no qual a leitura e os livros, na maioria dos lares, são escassos, a escola torna-se um dos poucos lugares nos quais o estudante terá a experiência com o texto literário. Dessa forma, o ambiente escolar precisa também oferecer a oportunidade desse encontro. O outro aspecto é a figura do professor como leitor privilegiado, que servirá de modelo para que esses alunos percebam um modo próprio de compreender o mundo por meio do texto literário. Destaco assim o papel de mediador do professor, como aquele capaz de servir de ponte entre o aluno e o texto literário. Cabe ao professor os apontamentos acerca da linguagem, da estrutura e do modo de agir diante do texto literário. A biblioteca precisa ser uma parceira nesse processo. É

necessário que o estudante se sinta acolhido nesse ambiente e que possa se reconhecer enquanto cidadão que tem direito àquele espaço. A biblioteca passa a ser, no imaginário do aluno, um local de possibilidade desse encontro com as obras já demonstrado em sala de aula pelo professor. É um espaço que acompanha a formação desse leitor.

Josué Godinho: Reformulo a pergunta e a coloco a você, Sabrina: qual a importância da biblioteca escolar na formação do leitor literário?

Sabrina Oliveira: Em um país com tanta desigualdade social, a biblioteca torna-se o único viés possível que alimenta o direito de ler neste país. E a biblioteca escolar é o primeiro contato, e talvez o único que as pessoas irão frequentar em toda a sua vida. É neste sentido, que talvez ela possa ser a maior responsável pela contribuição na formação do leitor. A biblioteca escolar deve ser a extensão da escola, e o bibliotecário é a pessoa capacitada, com formação para construir um espaço propício para que a biblioteca escolar seja o espaço acolhedor e atrativo aos olhos dos pequenos. No entanto, é preciso salientar que a grande maioria das bibliotecas escolares no país estão sucateadas e não possuem um profissional bibliotecário atuando. E inclusive são depósitos de livros didáticos, são locais de castigos para estudantes “rebeldes” e lugar para finalizar a carreira de professores que já não podem mais atuar em sala de aula.

Josué Godinho: Pela relação de projetos elencados a mim pelo professor Alex Sander, nota-se uma parceria sólida entre a biblioteca escolar do Campus Salinas do IFNMG e os professores que atuam na disciplina de Literatura. Poderiam falar um pouco dessa parceria?

Sabrina de Oliveira: Não posso dizer que sei como esta parceria começou. Pois desde que propus atividades da biblioteca a toda a comunidade escolar, na primeira atividade que desenvolvi na instituição, tive respostas imediatas dos professores Daiane e Alex. Acredito que já havia uma afinidade de pensamentos e a vontade de realizar projetos que procurassem favorecer o olhar sobre a literatura e sobre a diversidade literária dentro da instituição. Então foi meio que um *match*. Pois, ambos também tinham propostas que casavam com os projetos da Biblioteca.

Alex Sander: Sei que a realidade que eu vivo, como professor, não é generalizada. Temos a alegria de ter, numa instituição que oferece ensino básico, uma boa biblioteca, um bom acervo, boa estrutura, profissionais maravilhosos e capacitados. Isso deveria ser a regra, a realidade de todo o país. Não poderíamos perder a oportunidade dessa parceria.

Daiane de Andrade: Realmente a biblioteca enquanto espaço físico, dotado de toda a estrutura necessária para a comunidade escolar, com profissionais com formação específica, é muito importante para que esse espaço seja realmente atuante no processo formativo dos estudantes. Entretanto, noto que o sucesso no desenvolvimento dos projetos passa pelo contato humano. Já trabalhei em outras instituições de ensino, mas nem sempre encontrei na figura do bibliotecário ou bibliotecária a predisposição para o desenvolvimento conjunto de ações de incentivo à leitura. Quando me lembro de projetos realizados em outras instituições, recordo-me sobremaneira de pessoas que não pouparam esforços para que a biblioteca caminhasse junto com o trabalho docente na formação de leitores. Aqui no IFNMG/*Campus* Salinas não tem sido diferente. Todas as vezes que sonhamos com um novo projeto, já contamos com a parceria da biblioteca e vejo que também há reciprocidade nessa relação.

Josué Godinho: Vocês poderiam falar um pouco mais dos projetos, os quais parecem ser bem difundidos na região. Qual o impacto entre as comunidades interna e externa?

Sabrina de Oliveira: O impacto interno que mais vejo/ouço é o apego e gosto por estar na biblioteca. E como as pessoas falam da biblioteca com alegria. Como cresceu nos últimos cinco anos os empréstimos de obras literárias em mais de 80%. E principalmente como professores de disciplinas diversas procuram a biblioteca no interesse de participar das atividades. Aqui gostaria de fazer uma menção à professora de História, Rosana de Jesus, presidenta do NEABI - do *Campus* Salinas. Que não só contribui nos aspectos de leitura e literatura afro-brasileira como também participa dos projetos avidamente. E da professora Renata Oliveira, também historiadora, que mesmo afastada para o doutorado contribuiu e agora no retorno está propondo diversas atividades no campo dos estudos indígenas brasileiros. Com relação ao público

externo, vemos bastante pesquisadores e professores que se manifestam através de e-mail e comentários nas mídias sociais, além de alguns convidados que vêm até a instituição conhecer os projetos, ou assistem através das mídias sociais. Porém acredito que possamos iniciar projetos de extensão em parcerias com as escolas da região. Os projetos tiveram início em 2018 e estamos avançando com estas parcerias. Como por exemplo, o projeto de extensão “Pequeno bibliotecário” em que crianças de 6 a 9 anos visitam o campus participando de atividades de leitura e valorização da biblioteca e do livro. Além de conhecerem setores e atividades. No ano de 2020 com o surgimento da Pandemia da covid-19, nasceram novos e conseguimos realizar a maioria dos projetos no formato digital, mas nem todos foram possíveis. Acredito que a partir de agosto, conseguiremos realizar atividades mais pontuais junto à comunidade regional.

Alex Sander: O *Campus Salinas* do IFNMG foi, originalmente, uma escola agrotécnica federal. Sou da região de Salinas, mas não cheguei a estudar nessa escola. Ouvia, evidentemente, muitos relatos acerca de seu prestígio e do seu lugar na história e mesmo na economia do município em que se situa. A transformação em instituto federal contribuiu para que muito mais gente tivesse acesso a uma educação de qualidade. E, agora, noto que os projetos coordenados pela biblioteca ou em parceria com ela têm ampliado ainda mais nosso alcance. Essa proximidade pode resultar em novos alunos e profissionais, evidentemente, mas também mostra a importância da escola, da universidade, para a comunidade em que ela está inserida. Fico muito feliz quando vejo que egressos, ex-alunos, continuam participando com motivação de nosso clube de leitura, por exemplo. Jovens que hoje fazem cursos superiores em vários lugares do Brasil, mensalmente têm a oportunidade de estar juntos, de alguma forma, a seus antigos professores e colegas. É uma relação muito especial, muito afetiva.

Daiane de Andrade: Há muitos aspectos subjetivos relacionados aos projetos que dificultam mensurarmos seu alcance e abrangência. Entretanto, além do depoimento e presença de ex-alunos, como Alex citou, é interessante observar outras instituições com iniciativas inspiradas nos nossos projetos. No último encontro do clube de leitura, por exemplo, um participante relatou que iniciou um clube de leitura na escola na qual leciona a partir da nossa experiência. Sabemos que às vezes os projetos não alcançam tantas pessoas como gostaríamos, mas é

instigante notar como alguns eventos e leituras marcam vidas. Às vezes esses relatos nos chegam de maneira despreziosa, em encontros casuais. Muitas vezes alguns alunos só vão compreender como foi impactado por algum projeto anos mais tarde. Por isso, é importante que tenhamos constância e ânimo nessas ações.

Josué Godinho: Particularmente, gosto desta parceria entre biblioteca escolar e sala de aula. Que sugestões vocês dariam a outros profissionais, de outras instituições, que queiram implementar práticas de leituras?

Sabrina de Oliveira: A primeira questão sobre parcerias, é que não existe a possibilidade de se fazer projetos sozinhos. Principalmente em instituições de ensino com cursos de cargas horárias integrais. É preciso que haja um planejamento conjunto institucional. Não somente entre professores, mas também junto à direção da instituição. Na reserva de calendários, na divulgação de projetos.

É preciso que toda a comunidade escolar esteja envolvida, e os projetos precisam ser realizados de acordo com a realidade social local. Outro ponto importante é formar parceria com os municípios e dar possibilidades dos estudantes serem atuantes nos projetos não apenas meros espectadores. Eles precisam participar dos projetos e se sentirem parte do projeto. De preferência eles precisam estar juntos na formulação e execução dos projetos. Tomando decisões e escolhendo o rumo que o projeto vai tomar.

Alex Sander: Sugiro pesquisar, pesquisar muito. Programas, campanhas, incentivos, fomentos, o que já vem sendo feito em outras instituições... Mas também pesquisar efemérides, temas interdisciplinares, transversais, os livros propostos pelos vestibulares, a necessidade que parte dos próprios alunos (para ficar em alguns exemplos). E agir. Nacerteza de que nem tudo “dará certo”, mas o que é “dar certo” no contexto educacional? Sempre fica algo, há um resíduo que talvez só faça sentido lá no futuro. O que não devemos é deixar de propor coisas, tentar, testar, contando sempre com as parcerias fundamentais dos colegas, estudantes e comunidade.

Daiane de Andrade: Como diz a canção “Maria, Maria”, de Fernando Brant e Milton Nascimento: “É preciso ter sonho sempre”. São tantos desafios que encontramos no nosso trabalho enquanto educadores, que seria mais fácil não realizar alguns projetos. Esbarramos cotidianamente com o desinteresse de alguns alunos, a falta de incentivo financeiro para nossas ações, a burocracia, por vezes necessária, dos editais de ensino, pesquisa e extensão e muita falta de tempo de todos os profissionais envolvidos. Entretanto, é realmente emocionante participar desse crescimento pessoal do aluno enquanto leitor. São práticas que fornecem processos formativos não só para os estudantes, pois nós também vamos nos iluminando, ao manter o movimento necessário em novas (re)leituras. Aconselho uma mente aberta ao lidar com as pessoas. É preciso ter flexibilidade em relação ao modo de desenvolver o trabalho, ouvir as opiniões de toda equipe envolvida, acolher o erro e comemorar cada pequena vitória.

AUTOR 1: Alex Sander Luiz Campos

E-mail: alex.campos@ifnmg.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8751-1724>

AUTOR 2: Daiane Silva de Andrade

E-mail: daiane.andrade@ifnmg.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7954-0138>

AUTOR 3: Sabrina da Silva de Oliveira

E-mail: sabrina.oliveira@ifnmg.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2396-502X>

AUTOR 4: Josué Borges de Araújo Godinho

E-mail: josuebagodinho@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-6759>

Recebida em: **05 set. 2022**

Aprovada em: **05 set. 2022**